

## **2 Pedro**

### **A escada da fé 2**

Em nosso último encontro estivemos meditando sobre o tema: **A escada da fé**. Em uma escada podemos subir ou descer. Assim o é no natural, como também o é no espiritual. Nossa carne busca de todas as formas recuperar novamente a supremacia do controle de nossas vidas, diante de um espírito que foi renovado e cabe a nós dar munção ou não para a carne ou ao espírito. Aquele que for mais alimentado irá se sobrepor ao outro.

**2 Pedro 1:5 Portanto, não poupeis esforços para acrescentar à vossa fé a virtude, à virtude o conhecimento.**

A base de nossa decisão será a nossa fé, que é alimentada não por experiências próprias ou de terceiros, mas de uma busca incessante de conhecimento de Deus através da meditação da Santa e Bendita Palavra. Rm 10:17 nos atesta isso ao dizer: A fé vem pelo ouvir e ouvir a Palavra de Deus. Do que temos nos alimentado?

Se você tem dúvidas, apenas olhe se está subindo ou descendo a escada da fé apresentada por Pedro.

**A escada da fé 2** - Abra a Palavra de Deus...

**2 Pedro 1:6 ao conhecimento, o domínio próprio; ao domínio próprio, a perseverança; à perseverança, a piedade;**

Em terceiro lugar na lista vem o domínio próprio.

Este domínio próprio deve ser exercido não somente em questões de comida e bebida, mas também em todos os aspectos da vida. A palavra aparece na lista paulina de virtudes (em Gl 5:23), e era grandemente prezada na filosofia moral grega.

Significava controlar as paixões ao invés de ser controlado por elas.

Aristóteles percebeu quão pouco profundo era o ditado de Sócrates de que ninguém deliberadamente rejeita o melhor curso a seguir, uma vez que o vê. Aristóteles sabia muito bem que os homens pecam com boa vontade e deliberadamente, e tem muita coisa para dizer acerca do ser dominado pelas próprias concupiscências.

Ele sabia disso, mas não tinha resposta ao problema da maldade humana.

A resposta acha-se no modo cristão de viver.

O domínio próprio cristão é a submissão ao controle de Cristo que habita no crente; e por este modo a virtude madura (que Aristóteles chamava, de algo que está além do homem) passa a ser uma possibilidade para os homens.

Mais uma vez, Pedro emprega uma palavra que deve ter cortado os falsos mestres como um chicote, pois alegavam que o conhecimento os libertava da necessidade do controle próprio. Pedro enfatizou que o verdadeiro conhecimento leva para o domínio próprio.

Qualquer sistema que divorcia a religião do modo de vida é fundamentalmente heresia. Do hábito do domínio próprio brota a perseverança, a disposição mental que não é abalada pela dificuldade e pela aflição, e que pode resistir estas duas agências satânicas

da oposição do mundo da parte de fora, e da sedução da carne da parte de dentro.

O cristão maduro não desiste. Seu cristianismo é como o brilho firme de uma estrela e não o brilho forte e rápido de um meteoro. (Amor x Paixão).

Há poucos testes da fé que são mais fidedignos do que este; a fé verdadeira persevera (Rm 5:1-3; Mc 13:13). Esta paciência não é nenhuma qualidade pagã de aceitar tudo quanto vem, como se fosse uma cega fatalidade, mas provém da fé nas promessas de Deus, do conhecimento de Cristo, da experiência do Seu poder divino.

E assim, produz no cristão uma consciência aprofundada da mão sábia e amorosa do Pai, que controla tudo quanto acontece. Como o próprio Jesus, que em troca da alegria que lhe estava proposta, suportou a cruz (Hb 12:2), estamos capacitados a ver nossos aparentes revezes à luz calma da eternidade.

Há uma passagem interessante em Aristóteles, onde o domínio próprio e a perseverança são contrastados. “O domínio próprio”, diz Aristóteles, “tem que ver com prazeres... e a perseverança com os pesares; pois o homem que pode suportar e aguentar adversidades, este é o verdadeiro exemplo da perseverança.”

À esta perseverança de caráter, a piedade deve ser acrescentada.

A palavra piedade é rara no Novo Testamento, provavelmente porque era a palavra primária para a religião no uso pagão popular. O “homem religioso” da antiguidade, era cuidadoso e correto em cumprir seus deveres diante dos deuses e dos homens.

Pedro aqui a emprega em contraste com os falsos mestres, que estavam longe de serem corretos no seu comportamento tanto diante de Deus quanto diante do seu próximo. Pedro toma cuidado para ressaltar que o verdadeiro conhecimento de Deus se manifesta em reverência para com Ele e respeito para com os homens. (amar a Deus e...)

Nesse caso não há nenhum indício de religiosidade aqui.

Piedade é uma consciência muito prática de Deus em todos os aspectos da vida.

## **2 Pedro 1:7 à piedade o amor fraternal e ao amor fraternal o amor.**

A piedade, porém, não pode existir sem a fraternidade.

### **Se alguém disser: Amo a Deus, e odiar a seu irmão, é mentiroso 1 Jo 4:20.**

O amor pelos irmãos cristãos é uma marca que distingue o verdadeiro discipulado, e que representa outra área em que os falsos mestres eram tão deficientes. Aqueles que ficaram sendo coparticipantes da natureza divina, ou, segundo seu modo de escrever em 1 Pedro, aqueles que nasceram de novo (1:23), devem demonstrar a realeza do seu comportamento para com outros filhos do Rei, sejam quais forem suas diferenças de cultura, classe e igreja em que congregam. Mas é necessário trabalhar este fruto.

O amor para com os irmãos acarreta levar os fardos uns dos outros, e assim cumprir a lei de Cristo; significa guardar aquela unidade dada pelo Espírito da destruição pelo muito falar, pelo preconceito e pela recusa de aceitar um irmão cristão por aquilo que é em Cristo. A própria importância deste amor fraternal e a dificuldade de atingi-lo é a

razão por que ela é tão ressaltada nas páginas do Novo Testamento (1 Pe 1:22; 1 Jo 5:1; Hb 13:1; 1 Ts 4:9; Rm 12:10). A coroa do “avanço” cristão é o amor. “O maior destes é o amor” (1 Co 13:13). A palavra agapê é uma que, para todos os fins práticos, os cristãos devem trabalhar para refletir a atitude que Deus demonstrou ter para conosco, e que requer da nossa parte para com Ele.

Na fraternidade as pessoas buscam mútuo conforto; no amor sexual, a mútua satisfação. Nestes dois casos, estes sentimentos foram despertados por causa daquilo que a pessoa amada é. No caso de agapê, a situação é inversa. O agapê de Deus é evocado, não por aquilo que somos, mas, sim, por aquilo que Ele é. Tem sua origem no agente, não no objeto. Não é que nós somos amáveis, mas, sim, que Ele é amor.

Este agapê pode ser definida como sendo um desejo deliberado pelo bem maior da pessoa amada, que se demonstra em ações sacrificiais pelo bem daquela pessoa. É isto que Deus fez por nós (Jo 3:16), é isto que Ele quer que nós façamos (1 Jo 3:16) e é isto que Ele está disposto a realizar em nós (Rm 5:5).

Dessa maneira, o Espírito do Deus que é amor, nos é livremente dado, a fim de reproduzir em nós a mesma qualidade que nos foi dada.

Os homens nunca acreditarão que Deus é amor a não ser que O vejam nas vidas dos Seus seguidores professos. Tal é o fruto da árvore da fé.

Ser participante da natureza divina, longe de nos permitir uma dispensa das ações práticas, as confirma, enquanto torna possível sua realização. Falta de amor, esta é a acusação fundamental que Paulo e João lançavam contra os religiosos.

Cada passo dado na escada dá origem ao seguinte, e o facilita.

Cada qualidade subsequente equilibra e traz à perfeição a qualidade anterior.

Foi-nos apresentada uma série de manifestações da nova vida. É importante que essa série comece pela “fé” e se encerre com o amor.

**1 Coríntios 13:11-13 Quando eu era menino, falava como menino, sentia como menino, pensava como menino; quando cheguei a ser homem, desisti das coisas próprias de menino. Porque, agora, vemos como em espelho, obscuramente; então, veremos face a face. Agora, conheço em parte; então, conhecerei como também sou conhecido. Agora, pois, permanecem a fé, a esperança e o amor, estes três; porém o maior destes é o amor.**

Tudo está inserido pela fé e pelo amor.

Fé e amor conservam todo o resto com vida, e um não existe sem o outro.

O que estamos fazendo com as virtudes que Pedro nos enumera?